



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CECA – CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E
ARTES

CAMILA SACHELLI TOMASETTI

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ROUSSEAU E COMTE

LONDRINA
2010

CAMILA SACHELLI TOMASETTI

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ROUSSEAU E COMTE

Trabalho de Conclusão do Curso de
Pedagogia, da Universidade Estadual de
Londrina.

Orientadora: Profa Dra Leoni Maria Padilha
Henning.

LONDRINA
2010

CAMILA SACCHELLI TOMASETTI

FAMÍLIA E EDUCAÇÃO:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ROUSSEAU E COMTE

Trabalho de Conclusão do Curso de
Pedagogia, da Universidade Estadual de
Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora Dr^a. Leoni Maria Padilha
Henning
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Ms. Márcia Bastos de Almeida
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Ms. Gilmar Aparecido Altran
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ___ de _____ de 2010.

Dedico este trabalho aos meus pais, que acreditaram em todos os meus sonhos e possibilitaram que eles se concretizassem.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre guiou o meu caminho e me possibilitou colher os frutos do meu esforço.

A Orientadora Prof^a. Dr^a. Leoni Maria Padilha Henning que prontamente me auxiliou e dirigiu meus passos nesta importante etapa.

Aos meus pais, irmão, avós tios e tias que me apoiaram e motivaram em todos os momentos.

A minhas amigas do curso de psicologia e pedagogia, que compreenderam a minha escolha de realizar duas graduações ao mesmo tempo e assim, me ajudaram direta e indiretamente.

A todos os docentes que dentro de suas áreas, contribuíram para a realização deste trabalho.

TOMASETTI, Camila Sacchelli. **Família e educação:** Uma reflexão a partir de Rousseau e Comte. 2010. 42 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2010.

RESUMO

A questão central deste trabalho é refletir sobre o conceito de família e educação, tomando-se por base as contribuições de ROUSSEAU e COMTE, mais precisamente as idéias contidas nos livros *Emílio, ou Da Educação* e *Catecismo Positivista*, dos respectivos autores. Com a realização de leitura e fichamentos dessas obras e com o auxílio de outros autores, verificamos, em primeiro lugar, que a definição e o entendimento dos papéis familiares se transformou durante os últimos séculos, assim como o conceito de criança e seu papel na sociedade. Também, foi observado que os pais são entendidos como aqueles que têm papel fundamental na formação dos indivíduos, devendo os educadores servir como mediadores deste processo. Ao contar a trajetória de estudos de Emílio, Rousseau indica qual a importância de um preceptor na formação do indivíduo em formação, sendo que este profissional exercia, além da função de professor, a de pai para o jovem. Já Comte enfatiza o papel da mulher, da sociedade e da religião na instrução das crianças, devendo a educação ser fundada no diálogo e, nesse sentido, aproxima-se de Rousseau que descreve as situações de intimidade interpessoal do preceptor com Emílio. A leitura destes livros, escritos há séculos atrás, se fazem ainda atuais, visto que é possível perceber que conceitos criados por Rousseau e Comte continuam sendo analisados direta ou indiretamente na área da educação. Com o auxílio destes filósofos, conclui-se que família, escola, pais, Estado e sociedade são instâncias formadoras que devem trabalhar em conjunto, para que haja o desenvolvimento intelectual e moral dos indivíduos em formação. Esses pensadores fomentam o interesse para se pensar a formação e o papel da família nesse processo, oferecendo-nos argumentos em defesa dessa participação, ao mesmo tempo em que nos instigam a criticidade diante dos problemas que este tema pode acarretar.

Palavras Chaves: Educação. Família. Rousseau. Comte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I- CAPÍTULO: EXERCITANDO O CONCEITO DE FAMÍLIA.....	12
II - CAPÍTULO: A FAMÍLIA E EDUCAÇÃO PARA ROUSSEAU.....	18
III - CAPÍTULO: A FAMÍLIA E EDUCAÇÃO PARA COMTE.....	24
IV. CAPÍTULO: REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DOS DOIS AUTORES	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos assistimos a mudanças radicais de comportamento em nossa sociedade e a defesa de princípios e padrões de organização social, bastante inusitados em relação à tradição a que muitos de nós fomos educados. Ano após ano as instituições educacionais veem-se diante do desafio de acompanhar tais transformações, altamente complexas e diversas. Sabemos que as escolas e os educadores encontram dificuldades em transformar suas práticas tradicionais em outras que atendam aos interesses dos educandos e que os preparem para o nosso mundo, o qual se reinventa a cada dia. Tudo isso nos instiga a pensar sobre qual seria o papel educativo da família e, mais, se a ela ainda caberia um papel efetivo na educação das novas gerações.

Chaves (2006) aponta que no final do século XX e início do XXI os conflitos ideológicos, em grande parte religiosos, a globalização e as tecnologias de informatização, passaram a estimular, em proporções ainda maiores, novas transformações no modo de vida e nas relações familiares. Surge então, um outro modelo de família em função das novas relações que se estabeleceram e devido às transformações histórico-sociais de cunho político e ideológico.

Graduei-me no ano de 2008 em psicologia no Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL e durante minha formação em pedagogia na Universidade Estadual de Londrina - UEL, um dos temas que mais me fascinou foi refletir sobre o papel da família atualmente. É importante para tal compreendermos, através de um breve histórico, as mudanças que esta instituição sofreu, principalmente nos últimos séculos.

O homem precisa se adaptar socialmente, individualmente e cognitivamente, enfim, tornar-se um ser social, muitas vezes ignorando a sua subjetividade e individualidade. O homem não se forma sozinho, ele precisa de alguém que cuide e o proteja nos primeiros anos de vida e, mais tarde, o auxilie a viver em sociedade. Por estas e outras razões é que a família se faz importante na constituição do indivíduo.

Podemos, entretanto, pensar que as famílias não estão mais educando corretamente as suas crianças? As pessoas estão matando por prazer? Por necessidade financeira? Em quais princípios devemos nos pautar para

recuperarmos laços familiares mais adequados à nova sociedade, mas sem destruirmos o próprio homem?

Estas reflexões acima citadas são muitas vezes verbalizadas diariamente nas ruas e na mídia, fazendo com que nós, profissionais da educação, nos preocupemos cada vez mais com a formação de nossas crianças.

O conceito de infância não era, na Idade Média, o mesmo que temos hoje, visto que a criança era um “adulto em miniatura”, se vestia como tal, convivia com os mais velhos, não brincava e iniciava suas atividades no mercado de trabalho muito cedo.

Suspeitando que estudar o funcionamento das famílias atuais - principalmente o modo como interagem com a escola de seus filhos - seria importante na compreensão do problema de pesquisa, busquei no núcleo da filosofia alguns teóricos que facilitariam o meu entendimento em relação ao papel desta instituição e possibilitariam o levantamento de hipóteses perante o problema exposto. Os autores escolhidos tradicionalmente são conhecidos por se confrontarem diante de muitas questões que levam à temática do presente trabalho, oferecendo-me assim, maiores possibilidades de interpretações.

Com efeito, selecionamos Jean-Jacques Rousseau (1717-1778) como um dos filósofos que nos auxiliou mediante a temática escolhida, estimulando-nos a pensar através de uma outra perspectiva, uma vez que sua obra *Emílio, ou, Da Educação* (2004) muito tem contribuído para desenvolver os debates no campo educacional, sendo o genebrino um dos filósofos mais discutidos e influentes na pedagogia.

Mas qual seria então, para ele, o papel da família na educação do Emílio? A família seria perniciosa à sua formação?

Utilizamos também como referência teórica às nossas reflexões, Auguste Comte (1798-1857), com seu livro *Catecismo Positivista* (1991). Comte nasceu em uma família monarquista e católica. Sua educação positivista tinha como objetivo a ordem para reorganizar a sociedade e defendia também a educação dos trabalhadores, por serem mais numerosos. Para ele, o indivíduo deve seguir as leis da sociedade, afirmação esta que era vista como um “alívio” pela burguesia da época.

Nosso objetivo não é identificar o “melhor século para se viver”, mas entender as mudanças históricas que transformaram o modo situacional das famílias hoje em dia, por mais diversas e heterogêneas que sejam.

Desse modo, as idéias de Rousseau e Comte sobre família e educação contribuíram como referenciais teóricos para iniciar nossas reflexões e identificarmos quais os pontos apontados pelos autores que seriam, ou não, seguidos pela nossa sociedade atual.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é refletir se o modelo atual de família possui características positivas ou negativas para a constituição do sujeito durante sua formação educacional, após a análise das idéias destes dois filósofos.

Ademais, quando me deparei com o fato de ter que discorrer meu trabalho de conclusão de curso com questões da área de filosofia, inicialmente me assustei. Como seria uma psicóloga e futura pedagoga caminhar por um campo até então desconhecido? Hoje acredito que este desafio foi de suma importância para minha formação, pois tive a oportunidade de compreender que todas as áreas do conhecimento estão de alguma forma, interligadas e, desse modo, são essenciais para se compreender a Educação.

Tendo selecionado o tema, minhas perguntas essenciais foram: Quais são as contribuições da filosofia na compreensão sobre a atual constituição da família? Qual o papel da família na formação educacional e moral dos indivíduos? Ela é importante para o desenvolvimento integral do homem?

Primeiramente, a referida obra do genebrino se constitui num trabalho essencial na formação do educador, uma vez que com esse livro o autor enfrentou a problemática da educação, inspirando os maiores avanços no entendimento da mesma a partir do século XVIII. Por exemplo, com as idéias de Rousseau, a noção da criança como alguém que deveria ser conduzida determinantemente pelo adulto de uma forma diretiva, foi combatida. O autor chamou a atenção para a importância de se conhecer aquele personagem, simplesmente conhecido por “ser imaturo” ou “aluno”, dentre outras definições.

Em relação a Comte, discorreremos sobre o seu projeto de restauração da sociedade do seu tempo, a qual segundo ele, se encontrava de forma totalmente caótica, sem direcionamento, sem respaldo filosófico e científico confiável. Isso porque, de acordo com a “lei dos três estados”, a qual o autor se

orgulhava de tê-la proposto, a sociedade estava passando por um estado de desenvolvimento transitório, designado por ele de Metafísico. Conforme entendia, a educação colaboraria e muito para a superação deste estado em direção ao estado ideal de desenvolvimento, o positivo ou científico.

Para que o seu projeto pudesse se realizar, Comte ainda destacou o papel da família como sendo um dos elementos que influencia na formação do ser do futuro, imputando a essa instituição alguns deveres e orientações indispensáveis ao Amor e à Ordem em vista do Progresso. No contexto familiar, o autor dedicou grande parte da sua obra a descrever o papel da mulher, a grande educadora da humanidade. Por esta razão o *Catecismo Positivista* foi selecionado, uma vez que é nesta obra que encontramos a figura da mulher atenta aos ensinamentos do sacerdote.

O primeiro passo para iniciar este projeto foi então ler, compreender e selecionar citações dentro destas duas obras, que abordassem temas relacionados ao papel da família e da educação na formação do sujeito e, posteriormente, discorrer sobre o assunto, utilizando outros autores que confirmassem ou confrontassem as afirmações de Rousseau e Comte.

No primeiro capítulo, antes de observarmos o que nos diz os dois filósofos, encontramos alguns conceitos sobre o tema família e educação. No segundo, escolhi alguns pontos do livro de Rousseau que abordam este tema, principalmente, o que diz respeito à função do preceptor naquele período. Já no terceiro capítulo, me preocupei em não discorrer sobre a religião positivista, mas a minha proposta foi perceber o que Comte acredita ser importante para a formação escolar dos indivíduos e a relação que estes mantêm com seus familiares.

No último capítulo, meu objetivo foi relacionar os conceitos dos dois autores, discorrendo assim sobre as convergências e divergências que podemos encontrar no pensamento de ambos e, por fim, encontramos as considerações finais e, conseqüentemente, as últimas reflexões sobre o tema.

Tendo realizado este trabalho e análises, minha expectativa é que esse estudo possa trazer avanços para a área da educação, no tocante à sua compreensão e no levantamento de perguntas instigantes, baseadas nos autores propostos, que promovam outras iniciativas e outros estudos futuros, visto que muitas vezes, nós, graduandos de pedagogia, não estudamos a fundo conceitos tão

importantes levantados por autores da filosofia, principalmente, numa situação como a do presente, em que simplesmente nos encontramos em iniciação à pesquisa.

I- CAPÍTULO: EXERCITANDO O CONCEITO DE FAMÍLIA

É possível definirmos o termo família como sendo o conjunto de indivíduos ligados por descendência, a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção. O homem é um dos poucos animais que necessita de cuidados extremos ao nascer, ou seja, depende de outro ser humano para se manter vivo, se associa a outros para esses cuidados, que geralmente são exercidos por algum membro de sua família de origem.

A palavra família vem do latim, um derivado de famulus (servente) e, portanto não descreve exatamente o que nós entendemos por família. Hoje o termo família cobre os vários grupos de parentes, todas as pessoas vivendo na mesma casa, todos os descendentes de um mesmo ancestral. Contudo, a extensão destes vários tipos de relacionamentos tem variado de lugar para lugar e de tempo para tempo (ZONABEND, 1996, p.8).

É importante compreender que o conceito de família sofre variações, ao estudarmos especificamente este tema, é preciso delimitar o país, a região, a cultura, o continente, enfim, não é possível generalizar, visto que por exemplo, o modo de vida de uma família brasileira urbana, não é o mesmo de uma família brasileira indígena.

A família tem sido entendida como:

[...] um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros componentes (ANDOLFI, 1984, p.18).

Este “sistema” vem-se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas, sendo um espaço que deve ser continuamente renovado e reconstruído. Os aglomerados familiares não são realizados apenas pelos laços afetivos, há famílias que se mantêm unidas por uma questão de economia financeira e, por esta razão, é que encontramos diversos parentes na mesma residência.

Encontramos hoje casais heterossexuais e homossexuais, mães solteiras, pais viúvos, avós que realizam a função materna, casais que dormem com os filhos na mesma cama, e assim por diante. Nesse sentido, nas salas de aula as discussões devem ganhar novos contornos e os materiais didáticos, como as apostilas e os livros, precisam se adequar a esta nova realidade, para que atendam a esses novos modelos ou, pelo menos, que possibilitem a inclusão de crianças e adolescentes que passam por experiências diferentes dos padrões “normais” de comportamento social.

Será que estamos prontos para explicar essas mudanças a nossas crianças? Como ensinar isso a seres humanos tão pequenos, sendo que uma pessoa adulta muitas vezes não consegue emitir uma resposta e explicar determinadas situações para seus alunos?

Desse modo, acreditamos que os professores devam se preparar com maior consistência teórica sobre os modos diversos de entender o fenômeno aqui em discussão. Para isso, entendemos que a filosofia nos oferece novas perspectivas para a compreensão dos problemas, estimulando visões diferenciadas dos fenômenos e possibilitando a formação de conceitos melhor estruturados, indicando bons argumentos para pensarmos para além dos padrões comuns.

Estudar famílias no plural requer que se tenha em vista, a multiplicidade de aspectos históricos e culturais presentes em cada sociedade (KALOUSTIAN, 2002).

Cumpramos assim enfatizarmos que esse trabalho pautado numa reflexão sobre o tema “família e educação” nos permite discernir pelo menos duas idéias essenciais, a saber:

1. Que a “educação” deve ser considerada do ponto de vista informal e espontânea e, também, do ponto de vista formal e escolarizada. Tais perspectivas, se não diferenciadas, podem acarretar muitas dificuldades;
2. No primeiro caso, a família seria entendida como aquela instituição social pautada em laços naturais e que ganha contornos, os mais diversos, nos contextos históricos em que a humanidade se desenvolveu. No segundo caso, a responsabilidade da família em relação à educação dos filhos se dilui, numa ordem crescente, nas sociedades modernas, uma vez

que as atribuições educativas se deslocam para os espaços escolares em que atuam os profissionais formados para esse fim.

Esta última consideração nos obriga a levarmos em conta uma perspectiva histórica – aqui muito brevemente mencionada – para compreendermos o processo de mudança que a família burguesa no ocidente foi sofrendo até o presente, diante de cuja configuração atual o seu papel educativo foi sendo transformado.

Tomamos como referência a família burguesa européia dos últimos séculos para compreendermos as mudanças que ocorreram neste sistema, visto que as classes mais abastadas serviam de referência quando comparadas as demais sociedades.

Na Idade Média, o conceito de infância não era o mesmo que temos hoje, visto que a criança era um “adulto em miniatura”, se vestia como tal, convivia com os mais velhos, não brincava como entendemos ser esta atividade própria dessa fase de desenvolvimento e já era iniciado no mercado de trabalho muito cedo. A família apresentava contornos extremamente diferentes dos que hoje temos. Somente a partir da Renascença, em decorrência da formação do mundo burguês, é que a família vai se constituindo com os seus componentes: pai, mãe e filhos, que vão recebendo designações mais precisas no núcleo familiar, realizando tarefas mais próximas – guardadas as devidas proporções - do que vimos a ter desde algumas décadas atrás.

No século XVII os casamentos eram arranjados, em sua grande maioria pelos pais e os filhos não contestavam tal escolha, pois sabiam que esta era uma forma utilizada para manutenção dos bens e expansão patrimonial. Não havia cômodos nas casas, que se caracterizavam por serem grandes galpões, onde ocorriam bailes e que abrigavam não apenas a família nuclear, algo que retirava a privacidade dos membros que residiam no local.

Já no século XVIII o problema da sexualidade não estava relacionado apenas ao ato em si, mas em trocar relações de influência social e econômica. As atividades sexuais também eram vistas pelos médicos como um problema físico, fazendo com que os pais fossem então instruídos a inspecionar os corpos dos filhos.

No século XIX o Estado iniciou campanhas de conscientização sobre a importância do controle da taxa de natalidade, das camas serem separadas,

implementaram “manuais de civilidade”, fazendo com que conseqüentemente as casas parassem de serem consideradas lugares de festas, criando os clubes e bares. No final deste século em questão e início do século passado, com a revolução industrial, a mulher de classes sociais menos favorecidas precisou entrar no mercado de trabalho para auxiliar na renda familiar. Esta mão de obra era considerada barata e por isso as empresas preferiam contratar trabalhadores do sexo feminino, fazendo com que os homens se manifestassem contra este fato, dando início assim aos movimentos feministas.

No Brasil do século XIX não havia praticamente vida urbana, a burguesia se baseava nos costumes principalmente portugueses e as famílias viviam nas “casas-grandes”, separadas dos escravos. Nas maiores cidades do país não existia saneamento básico, as pessoas morriam de pragas e doenças desconhecidas, fazendo com que o Império passasse a se preocupar com a higienização das ruas e casas.

Sabemos que o sistema ao qual nos inserimos influencia na educação. No contexto atual educamos nossas crianças para o trabalho, não nos contentamos em criar seres humanos autônomos, o importante é ensinar a gerar renda futuramente. Basta analisarmos a crescente criação de escolas técnicas e da busca, principalmente das escolas particulares, em alcançar melhores notas nos vestibulares e provas avaliativas do governo.

Conseqüentemente, encontramos atualmente pais ausentes, que precisam trabalhar e, portanto não ficam em casa com seus filhos. O papel da mulher está confuso, ela precisa ser mãe, esposa e ser fonte de renda familiar. Esta nova forma de vida prejudicou as relações de afeto entre mães e filhos. Mas o fato de antigamente, a mãe ficar em casa era benéfico? As crianças criadas hoje em dia por mães que trabalham no lar recebem mais afetividade? É possível identificar qual foi a melhor época para se educar uma criança? Em qual século as relações familiares podem ser vistas como ideais?

Sabemos que falar sobre sexualidade não é mais um tabu em nossa sociedade. Vivemos um momento em que o egocentrismo e individualismo são os grandes males atuais, os quais afetam diretamente as relações familiares.

Para Furútan (1990, p.12):

Em todas as famílias, a mãe e o pai são os poderes legislativo, executivo e judiciário. Dentro das fronteiras do pequeno e limitado “Estado” que é cada família, esses três poderes se concentram nas mãos dos pais. São eles que decretam as regras e regulamentos para as crianças, fazendo-as praticar algumas ações e impedindo-as de praticar outras; são eles que julgam as divergências que venham surgir entre os filhos.

Essas noções nos parecem importantes, uma vez que somos levados a considerarmos detalhes conceituais que nos mostram a complexidade da discussão, nos obrigando a ter cautela quanto às possibilidades que o presente trabalho nos oferece.

Quando a escola convoca os pais, quem geralmente atende ao chamado são as mães, mesmo quando esta está impossibilitada de comparecer por conta de seu trabalho. Em nossa cultura ainda sobrevive a idéia de que a última palavra é do pai, a mulher precisou sair para o mercado de trabalho, mas nem por isso os homens se tornaram “mais pais”. A mulher tende a se sentir culpada por ficar fora de casa o dia todo, pois mesmo ausente, ela quer se sentir presente na atividade do filho.

De acordo com Bucher (2003), no modelo moderno o fundamento da união recai na subjetividade dos cônjuges e no amor de um pelo outro, no aspecto emocional, a família ainda se mantém como provedora de seus membros, no aspecto econômico/financeiro o papel masculino de provedor está sendo compartilhado com os demais membros. Entre as funções atribuídas às famílias, a da reprodução está se modificando devido ao avanço da tecnologia e diminuição do número de filhos, já a função socializadora de formação e transmissão de valores, crenças, costumes e regras, está sendo compartilhada com outros agentes socializadores, como a escola, a televisão, a internet, etc.

Do mesmo modo, Dantas (2009, p.1) também nos ajuda a entender esse fenômeno, quando afirma:

As mudanças socioculturais estão acontecendo a cada século, e o ser humano vem ao mesmo tempo sofrendo coerção e se satisfazendo de uma liberdade nunca antes vivida, na qual novas formas de parentalidade vem se constituindo. Hoje, o modelo de família não é mais igual a de nossos avós, pois não são, antes disso, os mesmos vínculos e laços que criamos com o outro atualmente.

Ao falar da mãe suficientemente boa, Winnicott (1983) designou o termo holding que corresponde ao amparo e à manutenção da criança, não somente física, mas também psíquica. É a tarefa materna de sustentar o filho, que além do suporte psicológico, também é um suporte físico, como a de dar colo, afagos ou a troca de fraldas. A mãe suficientemente boa tem a capacidade de se adaptar de forma delicada e sensível às necessidades iniciais do bebê, estabelecendo uma relação com o ego do bebê que facilita para a criança introjetar as suas ansiedades de forma suportável.

O que diferencia os homens de outros animais também é sua capacidade de educar seus filhos, tornando-os assim seres civilizados. As crianças precisam sentir que pertencem a uma família e carregam este sentimento quando vão, por exemplo, pela primeira vez na escola.

Ao analisarmos, portanto os livros *Emílio, ou, Da Educação* e *Catecismo Positivista* concluímos que é inegável que os autores se preocupavam com estas duas instituições distintas, mesmo não discorrendo especificamente sobre estes dois temas. Podemos observar a realidade da época vivenciada por cada autor, através das leituras e assim, trazer para nossa realidade atual e concluir quais as idéias dos autores que nos auxiliam na reflexão sobre o objetivo proposto.

II - CAPÍTULO: A FAMÍLIA E EDUCAÇÃO PARA ROUSSEAU

Para compreendermos o *Emílio, ou, Da Educação* (1762), é preciso entender que não se trata de um “manual” de como educar um filho e, também, é necessário que nos desprendamos de certos preconceitos. É difícil aceitarmos, por exemplo, que um homem que abandonou os cinco filhos teria algum conhecimento sobre educação de crianças. Porém, após alguns capítulos podemos avançar nessa compreensão e ver o livro como um marco para sua época e incrivelmente atual. “A partir de Rousseau, a infância ganha valorização e reconhecimento como uma época peculiar da vida do ser humano” (BATISTA, 2009).

Para Postman (apud BATISTA, 2009, p.24) “Rousseau não entendeu claramente por que a infância tinha surgido e como podia ser mantida”. Para este autor, Rousseau deu duas contribuições importantes: a primeira foi persistir na afirmativa de que a criança é importante em si mesma, e não como um meio para um fim. A segunda idéia de Rousseau foi a de que a vida intelectual e emocional da criança é importante, não porque devemos conhecê-la para ensiná-la e formá-la, mas porque a infância é o estágio da vida em que o homem mais se aproxima do “estado de natureza”.

Postman (apud BATISTA, 2009, p.24) afirma ainda que para Rousseau “A criança é uma planta silvestre que quase não pode ser melhorada pela educação livresca. Seu crescimento é orgânico e natural; a infância requer apenas não ser sufocada pelos extravasamentos doentios da civilização”. Preocupamo-nos em encontrar a criança no homem, sem antes compreender o que ela é antes de ser homem.

Segundo Batista (2009, p.26), Rousseau considerava a educação como um “[...] processo de subtração, pois ele queria que a educação resultasse numa flor saudável. O modelo educativo ideal era aquele em que a influência dos educadores fosse mínima, e a liberdade natural máxima”. Nesse sentido, nos preocupamos acerca da influência dos educadores naturais, a saber, os pais. Basilde & Machado (1978, p.23) asseveram:

O *Emílio* é um ensaio pedagógico sob a forma de romance e nele Rousseau procura traçar as linhas gerais que deveriam ser seguidas com o objetivo de fazer da criança um adulto bom. Mais exatamente,

trata dos princípios para evitar que a criança se torne má, já que o pressuposto básico do autor é a crença na bondade natural do homem. Outro pressuposto de seu pensamento consiste em atribuir à civilização a responsabilidade pela origem do mal. Conseqüentemente, os objetivos da educação, para Rousseau, comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais.

Rousseau demorou cinco anos para escrever este livro e nunca colocou sua teoria em prática. Foi criado por seu pai, pois sua mãe faleceu no parto. Talvez por esta razão, a figura feminina tenha sido citada neste livro, porém, não foi valorizada exatamente a “função materna”, visto que, no caso, o papel do preceptor é considerado mais importante na educação do que os cuidados maternos ou de uma professora do sexo feminino.

O genebrino trabalhou como preceptor durante cinco anos de sua vida, algo que acreditamos ter servido de experiência para discorrer sobre este ofício. Na introdução de seu livro encontramos a afirmação de que ele escreveu o Emílio para superar o seu sentimento de culpa e impedir seus leitores de imitá-lo. Ele cria este personagem fictício para nos ilustrar conceitos e atividades que sirvam para formar um bom cidadão.

O preceptor de Rousseau pode ser comparado ao professor ou mediador da atualidade, que deveria fazer com que seu pupilo não percebesse quem realmente era o chefe daquela relação. Este profissional era um homem extremamente educado e culto, que teria como objetivo ensinar o jovem a conviver na nova realidade social, extremamente individualista.

Esta obra está dividida em cinco livros, cada um ilustra as fases de vida dos indivíduos, principalmente do sexo masculino:

- Livro I: “A idade da natureza” – o bebê (infans);
- Livro II: “A idade da natureza” – de 2 a 12 anos (puer);
- Livro III: “A idade da força” – de 12 a 15 anos;
- Livro IV: “A idade da razão e das paixões” – de 15 a 20 anos;
- Livro V: “A idade da sabedoria e do casamento” – de 20 a 25 anos.

Mesmo afirmando que quem cria é o preceptor e que o pai é quem escolhe este profissional, ele nos informa que fez o livro para “agradar a uma boa mãe que sabe pensar” (ROUSSEAU, 2004). Ele já reconhecia que uma educação

não pode ser aplicada em todos os países, observando diferenças na educação dada aos burgueses e aos “grandes” de sua época.

Rousseau menciona que a primeira educação cabe às mulheres, se fosse para os homens, a natureza teria lhes dado leite para alimentar as crianças. “[...] sua condição é mais segura do que a dos pais, e seus deveres são mais duros, seus cuidados são mais importantes para a boa ordem da família e, geralmente, elas tem maior apego às crianças” (ROUSSEAU, 2004, p.8).

Uma criança que desrespeita o pai pode ser perdoada, mas não uma criança que desrespeita sua mãe:

[...] aquela que carregou em seu seio, que o alimentou com seu leite e, durante anos, esqueceu-se de si mesma para só se ocupar dele, dever-se-ia ter pressa em estrangular esse miserável como um monstro indigno de ver a luz (ROUSSEAU, 2004, p.8).

Atualmente, psicólogos e pedagogos defendem a importância do cuidado materno, principalmente nos primeiros anos de vida da criança, sendo o papel da família, portanto, de suma importância para a formação do indivíduo. Já para Rousseau, tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando adultos nos é dado pela educação:

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois, conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a idéia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá. Essas disposições estendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos, forçadas, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões. Antes de tal alteração, elas são o que chamo em nós a natureza (ROUSSEAU, 2004, p.10).

Para o autor, há ainda duas formas de educação: uma pública e comum, outra particular e doméstica:

Não posso encarar como instituição pública esses ridículos estabelecimentos chamados colégios. Tampouco considero a educação da sociedade, pois, tendendo essa educação a dois fins

contrários, não atinge nenhum dos dois; só serve para criar homens de duas faces, que sempre parecem atribuir tudo aos outros, e nunca atribuem nada senão a si mesmos. Ora, sendo comuns a todos, estas demonstrações não enganam ninguém. São preocupações vãs (ROUSSEAU, 2004, p.13).

Rousseau entende que passamos a nos instruir quando começamos a viver; a educação se inicia junto com o nosso desenvolvimento e nosso primeiro preceptor é a ama-de-leite. O autor afirma que as mães geralmente não cuidam dos filhos, pois preferem muitas vezes passear pela cidade, “[...] se as mulheres voltassem a ser mães, logo os homens voltarão a ser pais e maridos”. Quando a mãe faz de seu filho seu ídolo, aumenta e alimenta sua fraqueza. “As mães cruéis agem de modo diferente, de tanto mergulhar os filhos na indolência, preparam-nos para o sofrimento; abrem-lhes os poros para males de toda espécie, de que não deixarão de ser presa quando adultos” (ROUSSEAU, 2004, p.22).

Sahd (2005, p.5) discorre que:

[...] ao longo do *Emílio*, Rousseau reitera incansavelmente a sua recomendação segundo a qual é preciso respeitar a liberdade da criança e criar à sua volta um clima propício para a sua reprodução. O respeito à liberdade, desse modo, deve ser presenciado desde os primeiros instantes em que a criança saiu do seio de sua progenitora.

Rousseau acreditava que a criança seria melhor educada pelo pai do que pelo melhor professor do mundo e se questiona como pode um pai, mesmo sendo rico e ocupado, pagar para outro homem educar os seus filhos. Para ele, é preciso também que a criança se apegue apenas a uma figura feminina, é impossível que uma criança que passa sucessivamente por tantas mãos distintas seja bem educada:

[...] com a vida começam as necessidades. É preciso uma ama-de-leite para o recém-nascido. Se a mãe consentir em cumprir seu dever, muito bem; suas orientações serão dadas por escrito, pois essa vantagem tem suas contrapartidas e mantém o preceptor um tanto afastado de seu aluno. Mas é de crer que o interesse da criança e a estima por aquele a quem ela consente confiar um tesouro tão querido farão com que a mãe esteja atenta aos conselhos do mestre, e tudo o que ela quiser fazer, fará certamente melhor que outra. Se precisarmos de uma ama-de-leite estranha, comecemos por bem escolhê-la (ROUSSEAU, 2004, p.38).

Considerando o pensamento de Rousseau, entendemos que no século XXI a realidade supracitada é ainda mais preocupante, uma vez que as possibilidades e responsabilidades da escola apresentam contornos bem diferenciados com a profissionalização dos educadores. Os pais constantemente delegam à escola todas as funções ligadas à educação. Não falamos aqui apenas da educação formal, mas também, da educação moral, pois os mesmos afirmam que uma “educação para a vida” também deve ser aprendida no âmbito escolar, se eximindo assim de toda responsabilidade da criação de seus filhos, com a alegação de que o seu tempo tem sido tomado pelas exigências que as condições de sobrevivência, sua e de sua família, lhes são impostas.

Ao analisarmos a figura do preceptor e da ama-de-leite na visão da época em que Rousseau viveu, percebemos que para este autor havia sim a necessidade de uma figura materna e paterna na vida da criança, algo que hoje é amplamente defendido. Notamos, portanto que a família e seus cuidados são de suma importância para a formação dos indivíduos. Emílio não foi educado por seus pais, mas recebeu toda atenção de seu preceptor, que acabou por fim realizando uma função paterna em sua vida.

Seria o preceptorado rousseauiano uma alternativa para solucionarmos o problema da nossa sociedade em relação à educação dos nossos filhos? Seria o investimento na formação de professores uma sugestão que poderia ser retirada dessas reflexões possibilitadas pelo autor?

Rousseau reconhecia a importância da infância, afirmava que não podíamos comparar as crianças com os adultos e que era preciso não “mimar” os pequenos. Ao longo de sua narração, obtemos a percepção de que aos poucos ele já esboçava o que hoje chamamos de “pedagogia construtivista”, visto que o preceptor fazia com que Emílio construísse sozinho o seu conhecimento, através de diversas atividades.

A partir do quinto capítulo desta obra, Rousseau introduz a figura de Sofia, jovem moça por quem Emílio se apaixona e se casa posteriormente. É interessante notarmos que a família da jovem é constantemente citada, os pais de Sofia se mostram preocupados com o relacionamento dos dois, mas a de Emílio não é consultada ou até mesmo tem conhecimento do eminente noivado do casal.

As características de uma boa moça da época nos são explicadas pelo autor, ele afirma que as mulheres foram feitas para agradar ao homem,

estudavam apenas sobre afazeres domésticos e sua natureza frágil as permitia pedir certos favores aos homens. Para o pai amar o filho, é preciso que ele respeite a mãe dele. A mulher precisa ter ternura para manter a família unida e não deve se sentir injustiçada em nenhum momento.

Uma vez que se demonstrou que o homem e a mulher não são nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao caráter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação. Seguindo as direções da natureza, devem agir de concerto, mas não devem fazer as mesmas coisas; o fim do trabalho é comum, mas os trabalhos são diferentes e, por conseguinte, os gostos que os dirigem. Depois de ter procurado formar o homem natural, vejamos como deve formar-se também a mulher que convém a esse homem (ROUSSEAU, 2004, p.524).

As mulheres eram criadas para serem vaidosas e deveriam se contentar em poder ir a escola, querer ser parecida com o homem na verdade era algo que para Rousseau, era negativo.

Com a leitura de *Emílio, ou, Da Educação*, podemos constatar que, não importa se chamamos de preceptor, de professor, de mestre, o que realmente possibilita uma boa formação do indivíduo é o carinho e a atenção que ele recebe. Algo que acreditamos ser melhor realizado pela família, pelo menos no campo da educação moral de nossas crianças. Rousseau nos mostra que também acredita ser importante a participação dos pais, mas os julga “fúteis e ocupados” para realizar tal função. Nesse sentido, devemos considerar a crítica que o autor elabora sobre a sociedade de seu tempo, cuja atitude pode nos inspirar também a olharmos a nossa atualidade com uma atitude de maior estranhamento, assumindo com isso uma postura mais filosófica de busca, de investigação reflexiva diante dos seus problemas. E, como já apontado anteriormente, a família se constitui numa dessas problemáticas que devemos enfrentar com zelo e rigorosidade acadêmica.

III - CAPÍTULO: A FAMÍLIA E EDUCAÇÃO PARA COMTE

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo francês conhecido principalmente por ser o fundador do positivismo e da sociologia. A relação com sua família de origem foi sempre complicada, pois ele acusava seus familiares de avareza, rompendo com estes já na adolescência. Ele fala sobre sua mãe com carinho, porém, reconhece que a mesma exigia dele atenção de forma extremada.

Após dezessete anos de casamento com Caroline Massin (que chamava satiricamente de "santa companheira"), Comte se separa e apaixona-se por Clotilde de Vaux, uma mulher casada com um homem que se encontrava preso. Apenas um ano depois do início desta paixão, Clotilde morre, sendo considerada como a "mãe da religião da humanidade".

Mas esta concentração da santa conferência no anjo preponderante não deve encobrir, nem ao leitor, nem a mim próprio, a constante participação tacitamente peculiar às minhas duas padroeiras. A venerável mãe e a nobre filha adotiva, cuja influência subjetiva e ação objetiva já fiz conhecer alhures, estarão aqui sempre presentes a meu coração quando meu espírito sofrer dignamente o impulso dominante. Inseparáveis daqui por diante, estes três anjos se acham de tal modo ligados a mim que o concurso contínuo deles acaba de sugerir, ao eminente artista de que o positivismo se honra hoje, uma admirável inspiração estética que converteu um simples retrato num quadro profundo (COMTE, 1991, p.73).

Seus dois anjos são, portanto representados pela mãe e por sua filha. Notamos que a figura feminina já se fazia importante na vida deste autor, de forma positiva ou não, algo que foi enaltecido durante toda a sua obra.

É importante citar que Comte apresentava um quadro depressivo, principalmente durante sua vida acadêmica e após a separação da primeira esposa. Ele precisou ser sustentado por amigos após ser expulso da Escola Politécnica e seus últimos anos de vida foram vividos na completa solidão. No entanto, não buscamos analisar as virtudes ou atitudes pessoais deste autor, porém, faz-se necessário compreendermos o contexto familiar e social de Comte, apenas na proporção que tais fatores possam nos ajudar em nossas reflexões sobre os seus conceitos de família.

Para ele, a sociedade precisava ser reorganizada através de uma completa reforma intelectual do homem, a partir da lei sobre a qual se orgulha de ter criado, a “lei dos três estados”. Segundo esta, a humanidade passa necessariamente por três fases: a teológica, a metafísica e a positiva. Do mesmo modo, cada indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento, também passa pelos mesmos estados, sendo místico, religioso ou fantasioso durante a “infância”; metafísico, quando vê-se comandado por princípios universais e abstratos porém, já sendo mais racional, na “adolescência”; mas, somente quando adulto, ao cabo do seu desenvolvimento, mais amadurecido intelectualmente e, portanto, positivo, pode olhar os fatos como eles verdadeiramente são. A educação seria a chave para a superação dos estágios menos desenvolvidos. Segundo Ferrari (2005, p.1):

Comte formulou uma lei histórica de três estágios. Segundo essa lei, o pensamento humano partiu de um estágio teológico, quando recorria às idéias de deuses e espíritos para explicar os fenômenos naturais, e passou para um estágio metafísico, caracterizado por fundamentar o conhecimento em abstrações - como essências, causas finais ou concepções idealizadas da natureza. De acordo com Comte, a humanidade só alcançaria plenitude intelectual ao chegar ao estágio positivo, que pressupõe a admissão das limitações do entendimento humano. Para ele, a razão não é capaz de operar a não ser pela via da experiência concreta. Todo esforço da ciência e da filosofia deveria se restringir, portanto, a encontrar as leis que regem os fenômenos observáveis.

Para o positivismo, é necessário que todos os fatos sejam analisados pela ciência, instaurando assim o conhecimento positivo como o único caminho seguro para a realização da investigação do real.

Comte vivenciou um mundo pós-Revolução Francesa e defendia que era preciso que os proletários e as mulheres fossem inseridos neste novo modelo de sociedade. "A revolução feminina deve agora completar a revolução proletária, como esta consolidou a revolução burguesa, dimanada a princípio da revolução filosófica" (COMTE, 1991, p.77).

Tendo como referência o seu livro *Catecismo Positivista* (1852), buscamos compreender qual seria o papel da família para este filósofo em sua teoria. Ele defendia que este núcleo deveria promover o progresso, colocando a mulher como educadora por excelência. É importante perceber que Comte escolheu uma pessoa do sexo feminino para ser sua interlocutora neste livro, mostrando que

estas também se interessavam e precisavam conhecer mais sobre os princípios introduzidos pelo autor para posteriormente, reproduzir seus conhecimentos em casa. Segundo o autor “[...] não tardamos, porém, em distinguir uma providência mais elevada, da qual nossa mãe não é, em relação a cada um de nós, senão o ministro especial e o melhor representante” (COMTE, 1991, p.214).

Para Comte, o que realmente importava era a família, a pátria e a humanidade. "Quando se penetra no seio das famílias atuais é que se vê quanto o apego está debilitado nas relações que o devem desenvolver melhor” (COMTE, 1991, p.75).

O casamento e, conseqüentemente, a formação da família é algo de suma importância para a constituição da sociedade, pois a partir deste núcleo se inicia a regeneração de toda a humanidade, visto que esta era a “única unidade social verdadeira”.

O autor cria um “quadro sociolátrico”, caracterizando o calendário positivista, com treze meses, sendo os primeiros seis meses devotados à família. Dentre as festas cívicas, há uma dedicada especialmente às mulheres. Nos templos positivistas encontravam-se altares laterais e um deles era dedicado “às santas mulheres”:

Com efeito, minha filha, a natureza do Grande Ser não deixa agora nenhuma dúvida acerca de sua representação plástica. Figurada ou esculpura, nossa deusa terá sempre por símbolo uma mulher de trinta anos tendo seu filho nos braços. A preeminência religiosa do sexo afetivo caracterizará semelhante emblema, em que o sexo ativo deve ficar colocado sob a santa tutela daquele. Posto que grupos mais compostos pudessem fazer a representação mais completa, esta não seria então assaz sintética, de modo a se tornar verdadeiramente usual (COMTE, 1991, p.136).

Neste livro, Comte não discorre especificamente sobre a importância da educação escolar, não defende uma pedagogia específica, porém, percebe-se que, para ele, a educação deve ser fundada no diálogo, o qual permite a livre manifestação das idéias do interlocutor. Cabe aos pais inserir o seu filho na educação positivista:

Pelo primeiro, minha filha, a religião final consagra sistematicamente cada nascimento, como fizeram espontaneamente todas as religiões preliminares. A mãe e o pai do novo rebento da Humanidade vêm

apresentá-lo ao sacerdócio, que recebe deles o compromisso solene de o prepararem convenientemente para o serviço da deusa. Esta garantia natural é completada por uma dupla instituição, cujo germe o positivismo se honra de ter tomado ao catolicismo, desenvolvendo-o sob a inspiração social. Um par artificial, por escolha dos pais, mas com a aprovação do sacerdócio, proporciona livremente ao futuro servidor do Grande Ser uma nova proteção, sobretudo espiritual, e, em caso de necessidade temporal, à qual se associam todas as testemunhas especiais. O apresentado recebe também, de suas duas famílias, dois patronos particulares, um teórico, outro prático, que ele próprio completará por ocasião de emancipar-se, impondo-se a si mesmo um terceiro prenome, tirado igualmente dos representantes sagrados da Humanidade (COMTE, 1991, p.124).

Para este autor, o homem deveria passar pelo sacramento do casamento apenas após completar a idade de vinte e oito anos, já as mulheres ficam aptas a realizar este “ato privado” desde os seus vinte e um anos - quando encerra a sua educação geral ou enciclopédica que é oferecida a todos - e estes limites inferiores não podem ser reduzidos, o que ocorreria apenas com o consentimento do sacerdócio. Comte também sugere que nenhum homem deve se casar após os trinta e cinco anos e as mulheres após os vinte e oito. Durante sua obra discorre sobre a importância da lei da viuvez, a qual estabelece que quando o marido falece a mulher não deve se casar novamente e afirma que nenhum matrimônio positivista deve ser realizado, caso o casal não aceite este fato.

“O homem como individualidade não existe portanto, na sociedade científica, senão como membro de outros grupos, desde o familiar – unidade básica por excelência – até o político” (JÚNIOR, 1982, p.26).

Comte defendia que as crianças teriam que aprender desde cedo a importância da obediência e da hierarquia. Ferrari (2005, p.1) nos oferece algumas relações dos preceitos comteanos com a sua proposta educacional. Vejamos:

Segundo Comte, a evolução do indivíduo segue um trajeto semelhante à evolução das sociedades. Assim, na infância passa-se por uma espécie de estágio teológico, quando a criança tende a atribuir a forças sobrenaturais o que acontece a seu redor. A maturidade do espírito seria encontrada na ciência. Por isso, na escola de inspiração positivista, os estudos científicos prevalecem sobre os literários¹. O filósofo acreditava ainda que todos os seres

¹ A educação literária, humanista e verbalista seria na visão positivista, a escola tradicional, marcada pela fase metafísica de desenvolvimento social a qual, portanto, deveria ser superada pelo modelo de educação positivista ou científica.

humanos guardam em si instintos tanto egoístas quanto altruístas². A educação deveria assumir a responsabilidade de desenvolver nos jovens o altruísmo em detrimento do egoísmo, mostrando a eles que o objetivo existencial mais nobre é dedicar a vida às outras pessoas.

O autor acredita que a mulher precisa ser excluída de todo trabalho exterior, ou seja, a mãe deve se dedicar exclusivamente à sua família. A religião positivista será assim apreciada também pelas mulheres somente se estas compreenderem seu real papel na sociedade. Durante sua formação escolar, os indivíduos do sexo feminino deverão estudar com os mesmos mestres e ter acesso às mesmas disciplinas que os homens, porém, em locais distintos. A doutrina positivista é considerada extremamente disciplinada e, portanto, a educação da mulher deve ser realizada de forma sistematizada. A mãe estuda dos 14 aos 21 anos, porque é considerada a “educadora da humanidade”, então deve receber a mesma educação que os filhos.

Comte classifica o instinto materno como algo “egoísta”, visto que um filho constitui uma simples posse pessoal, objeto de domínio, do que de uma afeição desinteressada, por mais que haja uma reação crescente da sociedade sobre a família. Cumpre-se ressaltar que os instintos chamados por ele de “egoístas” não o são devido a uma carga negativa, ao contrário, tais instintos são responsáveis pela nossa preservação e subsistência, sendo indispensáveis ao nosso desenvolvimento e crescimento.

Sobre o papel da família, Comte (1991, p. 186) afirma que:

Única fundada naturalmente no amor, a *Família* é a sociedade mais íntima e mais restrita. A atividade constitui em seguida a *Cidade* ou *Pátria*, em que o laço resulta, sobretudo de uma cooperação habitual, que não poderia ser assaz sentida se esta associação política combinasse um número excessivo de associações domésticas. Vem, enfim, a *Igreja*, a qual, ligando-nos essencialmente pela fé, é a única que comporta uma verdadeira universalidade, que a religião positiva há de necessariamente realizar. Estas três sociedades humanas têm por centros respectivos a mulher, o patriciado e o sacerdócio.

Estudar, contudo, vai muito além do que apenas compreender os conhecimentos que nos são passados através de cada disciplina escolar, servir à

² Cumpre também e primeiramente à Família, estimular desde cedo o desenvolvimento dos instintos altruístas através da ênfase na solidariedade, nos valores pacíficos de coligação social, ensinando às crianças o lema “viver para outrem”.

Humanidade e seguir os preceitos positivistas são mais importantes na visão comteana. A “família ideal” positivista afirma que a mãe deve cuidar de seus filhos e o pai trabalhar, algo que parece impossível nos dias de hoje, visto que na maioria das vezes é preciso que a mulher também auxilie no orçamento doméstico.

IV. CAPÍTULO: REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DOS DOIS AUTORES

Com a leitura dos capítulos anteriores, é possível refletir sobre os conceitos de família e a sua importância no processo de aprendizagem de crianças e jovens em diferentes períodos. Notamos que cada um dos autores discorre sobre as relações humanas, a política e a educação de sua época e buscam assim, estabelecer princípios que melhorem de alguma forma a sociedade em que viveram.

Para Kramer (1996) conceber a criança como o ser social que ela é significa considerar que ela tem uma história; que pertence a uma classe social determinada; que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem; que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas; que ocupa um lugar que não é só geográfico, mas que também é de valor, ou seja, concebê-la assim é admitir o fato de que ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo também com sua própria inserção nesse contexto.

Nossa forma de educar, de forma direta ou indireta, reflete as idéias de Rousseau e Comte. Após a análise dos dois livros, verificamos que Rousseau separa os capítulos de seu livro, como já citamos, pelas fases do ser humano: Fase do bebê ou do *infans*; Fase do adolescente ou do *puers*; Idade da força; Idade da Razão e das Paixões e Idade da Sabedoria e do Casamento.

Ele nos mostra a importância da experiência dos sentidos do aluno durante a sua infância, pois acredita que a criança deve aprender com seus próprios erros e acertos. Quantas vezes nossos pais nos disseram: “Não coloque o dedo na tomada”, mas nós insistimos em realizar este ato, até o momento em que percebemos que desta forma nos machucamos e sentimos dor. O autor dá vários exemplos de atitudes que teve com Emílio durante esta fase da vida do educando que auxiliaram o jovem a aprender, sempre com a mediação do preceptor.

O aluno aprende mais facilmente quando enfrenta problemas que tenham significado real para ele, por isso é importante que a escola proponha atividades que se relacionem com essa curiosidade natural das crianças.

Já na adolescência, é importante para Rousseau, que o indivíduo consiga se socializar com o próximo. É neste momento que o indivíduo interioriza a ordem moral e política, construindo assim sua personalidade.

Se transportarmos essa idéia para o contexto escolar, poderíamos supor que os trabalhos em grupo poderiam proporcionar uma aprendizagem mais eficiente e duradoura, pois qualquer conclusão que a equipe chegue, se constitui no resultado de momentos de reflexão, interação e confronto de pontos de vista de todos os partícipes. O aluno sente que é uma pessoa que atua, que age e que não apenas recebe o conhecimento.

Podemos também citar Rousseau como um dos precursores das idéias modernizadoras na educação, principalmente, da Escola Nova, influenciando as teorias pedagógicas de vanguarda, como combate ao tradicionalismo e a educação centrada no “adulto”, como um modelo já pré-estabelecido.

A partir destas considerações, observamos que há uma sugestão de mudança nas interações entre adulto e criança e por extensão, entre professor e aluno. A criança passa a ser notada como aquela que manifesta interesses relacionados com a fase de desenvolvimento em que se encontra, possui suas próprias motivações, é um ser de ação e que deve ser respeitado. Tais sugestões contribuíram para o surgimento da “escola centrada na criança”.

Notamos a importância da família e do educador no desenvolvimento do pensamento moral e até mesmo cívico dos jovens, cuja relação agora passa a ser vista de outra maneira. Cabe ao adulto permitir que o educando passe por experiências de vida que o façam primeiramente ser conhecido enquanto “homem” para assim compreender e atuar na sociedade. Para Rousseau, de preferência, nosso aprendiz deve conhecer primeiro a miséria humana, para posteriormente refletir sobre amor e piedade.

O sentimento de amor-próprio também se fazia importante para o crescimento de Emílio, pois assim ele poderia se colocar no lugar do outro. A intenção de Rousseau não era fazer com que Emílio odiasse os homens, mas sim, fazer com que ele não sentisse desejo de se parecer com eles. Todo jovem deve saber que “[...] o homem é naturalmente bom, sintá-o, julgue seu próximo por si mesmo; mas veja como a sociedade deprava e perverte os homens” (ROUSSEAU, 2004, p.327).

O que diria Rousseau se pudesse observar hoje em dia as mães que “competem” no portão da saída das escolas acerca do estágio de aprendizagem em que se encontram seus filhos. Se uma criança ainda não consegue ler ou não realiza determinada atividade, muitas mulheres já pensam se não há um “problema” com

seu filho! Rousseau, que pregava a importância de incitar o aluno a aprender com seus próprios erros, ficaria admirado ao notar as competições a que essas mulheres se submetem entre si.

Nesse sentido, torna-se importante observarmos que, para Rousseau, as fontes de educação são três: a natureza, os homens e as coisas. Como seria desse modo, o papel educativo da família, considerando os papéis diversos que foram designados aos seus membros no percurso da história da humanidade? Haveria laços familiares naturais? Se entendermos que “família” é uma instituição criada pelos homens, mais e mais a educação formalizada deve preocupar-se em ajudar nas definições de seus papéis, na compreensão de seus problemas e preparar-se para o enfrentamento das mudanças que se processam ao longo da trajetória indefinida de sua constituição.

A família é um “[...] sistema de membros interdependentes que possuem dois atributos: comunidade dentro da família e interação com outros membros” (STANHOPE, 1999, p.492). Todos os indivíduos deste sistema se relacionam com outras pessoas, porém, na maioria das vezes, é com nossos familiares que sentimos mais conforto e que recorremos quando necessário. Reconhecer tal fato também faz parte do nosso amadurecimento, pois enquanto adolescentes temos a tendência em andar em grupos e acreditar que nossos colegas são mais importantes que nossos familiares. A escola nesse momento também tem papel fundamental para auxiliar os jovens a compreenderem esses sentimentos e assim, ser mediadora da relação entre pais e filhos.

Entende-se por interação social o processo de influência mútua que as pessoas exercem entre si, assim, em uma sala de aula, o professor exerce influência sobre os alunos e estes sobre o professor e os colegas.

A relação entre professor e aluno deve ser dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos. Na sala de aula, os alunos não deixam de ser crianças ou adolescentes e não se transformam apenas em um depósito de conhecimento. Ambos os indivíduos presentes nesta relação ensinam e aprendem ao mesmo tempo.

Nossos comportamentos são repostas constantes ao que recebemos do ambiente físico e social, reagimos a objetos e condições físicas e notamos que determinadas pessoas despertam em nós sentimentos diferentes.

Assim também ocorre com o professor, suas reações dependem, em grande parte, da maneira como ele percebe o aluno.

Psicólogos, pedagogos, pediatras, entre outros profissionais da área da saúde, juntamente com educadores e até mesmo a mídia, costumam caracterizar quais as atitudes ideais que as crianças devem apresentar e a cada década criam novas metas para sua educação e seu desenvolvimento.

Rousseau afirmava haver uma natureza humana anterior à vida social e por esta razão é que a sociedade derivaria da natureza:

A educação deve ocorrer de modo “natural”, longe de influências corruptoras d(1978, p.23) (1978, p.23) o ambiente social e sob a direção de um pedagogo iluminado que oriente o processo formativo do menino para finalidades que reflitam as exigências da própria natureza. Cabe lembrar, porém, que “natureza” no texto de Rousseau assume pelo menos três significados diferentes: 1. Como oposição àquilo que é social; 2. Como valorização das necessidades espontâneas das crianças e dos processos livres de crescimento; 3. Como exigência de um contínuo contato com um ambiente físico não-urbano e por isso considerado genuíno” (CAMBI, 1999, p.346).

Comte contrariava este pensamento, visto que para ele, devemos entender o homem pela humanidade e não o contrário. Podemos inferir que este filósofo acreditava no progresso tecnológico, pois de certo modo, sua obra representa a afirmação do ideal iluminista adaptado à época industrial. Comte vê a mulher como algo sagrado e que serve como exemplo para todos os membros da família. Ela deve aprender as matérias escolares para assim poder ensinar os seus filhos. Para o autor, definir os papéis da família era determinante no sentido de que, só assim, seria possível alicerçar profundamente a sua proposta de mudar radicalmente a sociedade de seu tempo, que não via com bons olhos.

Conforme já mencionamos, hoje em dia sabemos que muitas mães precisam trabalhar e por esta razão não conseguem acompanhar diariamente o desempenho educacional de seus filhos, como ilustra Oliveira (1996, p.54):

O atendimento pré-escolar vem sendo chamado a responder às necessidades sociais próprias da sociedade contemporânea, principalmente da família moderna, necessidades essas que se modificaram, fundamentalmente no tocante ao papel da mulher. Estas necessidades podem ser focalizadas sob dois aspectos determinantes: o primeiro relaciona-se ao trabalho da mulher em jornada completa fora da célula familiar para poder garantir, com a

entrada de mais um salário, a sobrevivência da família em suas exigências básicas, o segundo diz respeito à realização pessoal da mulher – ser individual e social – através da execução de um trabalho profissional.

Contrariando de certa forma o pensamento comteano, sabemos que a ciência não é uma verdade absoluta e que hoje o que se considera verdadeiro pode ser modificado. É fundamental, portanto que o professor estimule o interesse do aluno pela pesquisa e trabalhe com métodos de “tentativa e erro”.

O conjunto das concepções filosóficas de Comte são produto direto de sua época. Toda a obra do autor é “[...] uma tentativa de síntese geral dos conhecimentos de seu tempo, cujo programa fundamental era unificar as duas culturas – a humanística e a científica – num novo humanismo, fundado na ciência” (JÚNIOR, 1982, p.10).

Comte nasceu nove anos após a revolução francesa, movimento este que alterou o quadro político e social de sua época. O positivismo defendido pelo autor, reconheceu a existência de princípios reguladores do mundo social. Como já mencionado, para ele, os fenômenos humanos individuais e sociais são regulados pela lei dos três estados, isto é, no início há o predomínio do estado primitivo ou fictício, no qual tudo que ocorre é explicado por ações de agentes sobrenaturais, por esta razão é que muitas vezes na infância usamos mais a imaginação e a ficção. Quando na adolescência – o que ocorre também com a sociedade – tendemos a explicar os fenômenos por noções abstratas e racionais, mas altamente genéricas e intangíveis, nos encontramos na fase transitória, ou metafísica. Somente na maturidade é que somos capazes de observar os fatos como eles realmente são, de entendê-los através de uma compreensão verificável, e, portanto, mais fidedigna e compatível com o real estado das coisas. Eis o anúncio de uma nova fase, a positiva ou científica.

É interessante analisar esta lei e perceber que é possível observá-la na prática. Muitas vezes na fase adulta é que compreendemos o real sentido de determinados acontecimentos de nossa vida e quando adolescentes, temos a tendência a criticar e ter um pensamento mais cético perante o mundo. No entanto, será que tais fases são assim tão grandemente determinadas pela natureza biológica? Comte, apesar disso, aposta na educação para que estágios mais

avançados se cumpram! E, nesse contexto, encontramos a indicação indispensável do papel familiar.

Para Wagner (2002) pode-se afirmar verdadeiramente mesmo adotando a posição construtivista, que independente da estrutura, configuração e contexto, a família é sempre o palco onde se vivenciam as mais intensas e marcantes experiências, promovendo assim o desenvolvimento de seus membros.

Através do entendimento sobre os nove sacramentos na religião da humanidade, percebemos a importância que Comte dá a família, pois ele defende que todo homem deve servir à religião positivista e se casar. O casamento não pode ser dissolvido, algo que nos faz refletir sobre a importância da instituição familiar se manter unida, fato este que auxilia diretamente no bem estar e na economia da sociedade.

Sabemos que muitas vezes a separação dos cônjuges provoca nos filhos sentimentos negativos. Atualmente, em nossas escolas, alguns professores costumam questionar se determinada criança é filha de pais separados, quando identificam algum comportamento que desvia da “normalidade”, como se este fato isolado fosse a explicação de todos os problemas do aluno.

Ainda sobre o papel da mulher, durante a leitura dos dois livros, tive a sensação de que a figura da mãe, para Rousseau, era importante apenas para os cuidados físicos. Já para Comte, esta mulher auxilia na educação dos filhos, como uma transmissora de conhecimentos didáticos, mas também como uma figura que criaria as crianças para viver em sociedade, para oferecer as bases da sua formação e os rudimentos essenciais dos primeiros ensinamentos.

Embora as mulheres sejam excluídas da humanidade divinizada, não são excluídas da sociedade positivista. Elas não participam da sua atividade, porém cada uma é a inspiradora de cada um dos seus membros. As mulheres, segundo Comte, são o sustentáculo das Providências Sociais³, pois seu concurso é indispensável para o advento do positivismo. Elas têm uma “função moderadora” e uma única missão: a de amar (JÚNIOR, 1982, p.34).

Segundo alguns autores da psicanálise, a função materna determina o limite entre o somático e o erógeno, entre o corpo do bebê e o meio externo. A

³ As Providências Sociais, segundo Comte, são o sacerdócio ou a Providência Intelectual, o patriciado ou a Providência Material e o proletariado ou a Providência Geral. A mulher é a Providência Moral que sustenta todas as demais Providências. (JÚNIOR, 1982, p.34).

relação mãe-bebê é decisiva para o desenvolvimento psíquico da criança e sua formação como sujeito, mas muitas vezes, a simbiose que ocorre entre mãe e filho precisa ser interdita pela presença do pai, pois é preciso que haja uma separação entre eles.

Freud, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, fala da importância das primeiras relações mãe-bêbe e de como ela se origina dos sentimentos dessa mãe com a sua própria sexualidade. É através dessa relação que ela vai ensinar seu filho a amar, a ser uma pessoa forte e capaz de enfrentar as dificuldades.

O filósofo Luc Ferry (2008, p.17) afirma que se ficamos tão chocados com casos de assassinato de crianças ou casos de incesto é porque amar a família é uma novidade radical em nossa história. Nem sempre as pessoas se abalavam com histórias como essas em tempos passados. Segundo o filósofo, até o século XVIII cerca de 30% das crianças eram abandonadas e a morte de um bebê era menos importante do que a perda de um cavalo.

Como já mencionamos, os dois autores tomados como referência teórica não disseram especificamente sobre o papel da família na educação dos indivíduos e nem ensinaram os professores como agir em sala de aula. Alguns conceitos importantes da teoria de Rousseau e Comte não foram aqui discutidos, pois se fossem, fugiriam da proposta do trabalho. Mas sabemos da importância de compreendê-los na sua totalidade, uma vez que estes autores produziram uma obra extremamente vasta, na qual incluem uma cuidadosa análise e crítica social e da qual podemos retirar implicações para outros estudos.

O modelo de escola que encontramos atualmente não é o mesmo da época dos autores, bem como o funcionamento das famílias modernas. Por esta razão é que consideramos importante correlacionar o pensamento de ambos com a nossa realidade quando pensamos em família e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola, família e sociedade não podem desempenhar suas funções separadamente. Assim como em uma empresa, cujo trabalho interdisciplinar é fundamental, a criação dos jovens também deve ser realizada de forma global, envolvendo todos os responsáveis por este processo. As crianças precisam ser protegidas e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, mas, por outro lado, precisam profundamente do apoio de pessoas, especialmente, de sua família.

Nossos jovens são cada vez mais atraídos pela mídia e pela internet. Vivenciamos um “não querer” escolar e todo comportamento que o aluno emite em sala de aula, que foge dos padrões ditados pela sociedade, já faz com que a escola peça que os pais encaminhem seus filhos para um médico ou psicopedagogo. A patrulha escolar é convocada diariamente a comparecer à escola, mas isto muitas vezes não resolve o problema de indisciplina dos alunos. O que falta é a Lei, vista aqui como a lei por um pai, por uma autoridade, que parece não cumprir mais sua função, que é a de ensinar os jovens a conviver em sociedade, visto que na atualidade o sentimento individualista impera.

A criança não é mais vista como um “adulto em miniatura”, ela já é considerada na modernidade como o “chefe do adulto”, os papéis se inverteram, pois aparentemente quem toma as decisões no ambiente familiar agora é a criança, algo impensável até décadas atrás.

A função de transmissão de valores, crenças, costumes e regras, está sendo compartilhada com outros agentes socializadores, como a escola e a mídia. Muitos pais terceirizam suas responsabilidades.

No decorrer deste trabalho, percebemos que não é possível definir qual foi então a melhor época para se viver, visto que as transições culturais e econômicas ditaram as regras da sociedade de cada período, fazendo com que os indivíduos se adaptassem a conviver com a realidade que lhes era imposta, mas podemos inferir que é preciso compreender as transformações que a família e a educação sofreram nos últimos séculos, para assim modificar a realidade atual.

Rousseau e Comte convergem em alguns pontos, como por exemplo, quando discorrem sobre o papel da família na educação. Rousseau

defende a “terceirização” desta função, ou seja, há um distanciamento dos pais na educação da criança, mesmo sabendo que estes deveriam cumprir este papel. Para ele, o pai seria o melhor professor da criança, mas não o faz porque precisa trabalhar. Já a mãe está muito ocupada “passeando” e geralmente vê o filho apenas como um troféu, por estas razões é que os pais preferem delegar esta função a um profissional. A educação e os cuidados de Emílio foram então delegados à ama de leite e ao preceptor. Mas, será que Rousseau encontrou assim uma saída para a educação do Emílio, já pelas evidências de que havia a falta de uma boa formação oferecida aos seus pais? Distante desses personagens, o menino teria o resgate da Natureza que traria a ele a chance de estabelecer os princípios morais não maculados por uma sociedade já corrompida. E, os seus pais não estavam isentos – feliz ou infelizmente – desse panorama.

Podemos inferir que a figura do preceptor defendida por Rousseau e a dos patronos particulares do positivismo de Comte, atualmente é substituída pelo papel das babás, professoras particulares, psicopedagogas ou até mesmo pelas docentes em sala de aula, porém, com a ressalva de que esta última profissional citada muitas vezes não consegue ter um olhar individualizado do aluno, visto que há diversas crianças para ela educar. Se considerarmos outras situações em que os professores contavam com um número menor de alunos e as famílias participavam mais do processo educativo, tais fatos favoreciam o docente a conhecer melhor seus educandos e familiares.

Comte acreditava ser de suma importância que os pais ensinassem seus filhos os preceitos positivistas, bem como a educação livresca, científica e assim, os preparassem para a sociedade. As crianças estudavam até os quatorze anos de idade com a mãe e os meninos eram orientados a seguir a carreira do pai, depois desta idade recebem orientações enciclopédicas até os 21 anos. Depois que os filhos atingem esta idade, a mãe passa a se ocupar com os trabalhos domésticos e o pai assume cargos na sociedade positivista. Do mesmo modo, Rousseau entendia que seria indispensável um distanciamento da sociedade até os 14 anos, para Emílio ser formado como “homem”.

Hoje em dia é proibido educar os filhos em casa, por lei as crianças devem frequentar as salas de aula diariamente, não permitindo, portanto, que a família aprenda para assim ensinar, conforme indicava Comte. Porém, tal fato não retira a responsabilidade dos pais em educar moralmente seus filhos. Segundo

Comte, através da formação materna, já positivista, era possível a introdução da criança nesse ideário, altamente cientificizado. Para Rousseau, seria o preceptor aquele que teria as condições de, na ausência de outras influências, garantir a “boa” educação ao seu Emílio.

Contudo, notamos que a idéia da família ensinar seus herdeiros era elencada tanto por Rousseau como por Comte, divergindo no objetivo que desejavam alcançar com a educação. Rousseau queria que Emílio aprendesse para poder assim viver em sociedade, se casar e também ter filhos – só que propõe a educação negativa, em que o papel da família é mais colocado em pauta de sugestão e crítica. Comte também acreditava na educação para a sociedade, porém, seu foco maior era que as crianças aprendessem os preceitos da sociedade e religião positivista, sendo o papel da família mais explicitamente delineado e colocado de forma afirmativa.

Não nos causa espanto quando lemos que as mães na época de Rousseau se preocupavam mais em passear na cidade do que cuidar dos próprios filhos. Este fato na atualidade é comum, muitos pais trabalham durante o dia e as mães, ao invés de auxiliar seus filhos nos estudos, acabam encontrando outras atividades, vistas por nós muitas vezes como “supérfluas”.

Após analisar os conceitos principais dos livros propostos, percebo que a leitura de Rousseau foi para mim algo prazeroso, achei *Emílio, ou, Da Educação* extremamente atual e, mesmo sabendo que já é um título importante na nossa história, acredito ser válido que todos os graduandos de pedagogia tenham acesso às idéias do autor, para poderem assim, iniciar uma compreensão sobre como a história da educação se transformou nos últimos séculos.

Em um primeiro momento, acreditei que o *Catecismo Positivista* só discorria sobre a religião positivista, foi necessário certo tempo e reflexão para perceber que Comte se preocupou em criar um diálogo entre um sacerdote e uma mulher, fato este que nos incita a raciocinar que a idéia era atingir as famílias da época, ensiná-los como deveriam criar seus filhos, para que os jovens posteriormente servissem a sociedade positivista, conforme já citamos.

Sabemos que a escola deve estimular não somente a cognição, mas promover a integração de aspectos da aprendizagem, como a afetividade e a ação motora, sempre convocando a família a participar deste processo. Os professores e orientadores, ao refletirem sobre os papéis atuais da família na sociedade, devem

mediar a relação entre as crianças e seus pais. Algumas instituições promovem “escolas de pais”, pois já se conscientizaram que estes infelizmente precisam aprender a educar seus filhos.

É preciso compreender que a educação moral não deve ser terceirizada. Os profissionais da educação devem se adequar à realidade de sua época, visto que as relações sociais se modificam constantemente. Acreditar que apenas a escola ensina é um pensamento equivocado e por esta razão é que buscamos atingir não apenas profissionais da área da educação, mas também, indivíduos que procurem viver em uma sociedade que proporcione melhores condições de aprendizagem para nossas crianças.

Como um acréscimo a este estudo, percebemos que os (as) alunos (as) do curso de pedagogia poderão compreender que é possível relacionar os conceitos dos autores da filosofia com os do campo educacional, mesmo quando esta relação não é apresentada de forma explícita pelos autores.

REFERÊNCIAS

- ANDOLFI, M. **Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- AZEVEDO, Francieli. **Pensando Famílias.** Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/makepdf.php?itemid=1351>> . Acesso em: 24 de abril de 2009.
- BASIDE, P.A.; MACHADO, L.G.O.Emílio de Rousseau. In: **Os Pensadores: Rousseau.** São Paulo: Ed. Abril, 1978.
- BATISTA, Cleide V.M. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por uma prática educativa com bebês.** Londrina: Maxiprint, 2009.
- BECKER, Fernando. O que é construtivismo? **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 21, 1992.
- BUCHER, F.N.S.J. Família, lócus de vivências: do amor a violência. In FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas.** Rio de Janeiro: E. PUC-Rio; São Paulo: Loyola. 2003.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999.
- CHAVES, H.U. Família e Parentalidade. In CERVENY, C.M. de O. (Org.). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positivista: Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo; Catecismo Positivista.** 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).
- DANTAS, Roberto. **Famílias Homoparentais.** Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1433>> . Acesso em: 18 de abril de 2009.
- FERRARI, Márcio. **Auguste Comte: O homem que queria dar ordem ao mundo.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/auguste-comte-423321.shtml>. Acesso em: 18 de abril de 2010.
- FERRY, Luc. Entrevista com Luc Ferry. **Revista Superinteressante.** São Paulo: Editora Abril, jul. 2008.
- FURÚTAN, Ali-Akbar. **Mães, Pais e Filhos.** Mogi Mirim: Ed. Bahá'í do Brasil, 1990.
- JÚNIOR, João Ribeiro. **O que é Positivismo.** São Paulo: Brasiliense S.A., 1982.
- KALOUSTIAN, M.S. **Família brasileira, a base de tudo.** 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2002.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1992.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Elementos Estáticos da teoria política de Augusto Comte: as pátrias e o Poder Temporal. **Rev. Sociol. Polit.** 2004, n.23, pp. 63-78.

RAMOS, Edla Maria Faust. **Análise ergonômica do sistema hiperNet buscando o aprendizado da cooperação e da autonomia**. Florianópolis: UFSC, 296p. Tese de Doutorado (EPS/UFSC - D.Sc. Eng. de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira. **Afinal, para que educar o Emílio e a Sofia?: Rousseau e a formação dos indivíduos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da Educação**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAHD, Luiz F. **A noção de liberdade no Emílio de Rousseau**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n1/29409.pdf> >. Acesso em: 12 de agosto de 2009.

STANHOPE, Marcia. Teorias e Desenvolvimento Familiar. In STANHOPE, Marcia; LANCASTER, Jeanette. **Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos**. 1 ed. Lisboa : Lusociência. p.492-514.

WAGNER, A. (Coord.). **Família em Cena: Tramas, Dramas, e Transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WINICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

ZONABEND, F. Uma perspectiva antropológica entre parentesco e família. In: BURGUIÈRE, A. (Org.). **Um história da família: mundos distantes, mundos antigos**. v.1. Oxford: Polity Press, 1996.